



PET Indígena

10 de agosto de 2020 · 🌐



Olá, me chamo Lenise Felício Batista, sou do povo Palikur-Arukwayene, sou integrante do grupo PET- Indígena da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP e este é meu segundo relato sobre os impactos da pandemia na minha vida, na minha família e na minha comunidade. É difícil descrever neste relato a angústia e o medo que senti no momento que a Covid-19 chegou na minha aldeia, principalmente na minha família. O que senti ao ver as pessoas que amo sofrer com essa doença é algo inexplicável, só digo que, naquele momento, me senti tão incompetente diante do sofrimento que minha família estava passando, minha filha então, tão pequena e frágil.

Quando a Covid-19 chegou nas aldeias indígenas eu estava na aldeia Manga, aldeia do meu esposo, que é Karipuna. Assim que o cacique da aldeia Manga foi comunicado que já havia um caso de Covid-19 na comunidade, ao mesmo tempo, soubemos que já tinham casos nas outras aldeias, já havia casos confirmados na aldeia Kumenê, minha aldeia. Quando soube que o vírus havia chegado lá, na nossa aldeia, minha preocupação, naquele momento, foi com minha mãe que é diabética e faz parte do grupo de risco. Como como eu estava longe da minha família, eu não tinha como ter notícias, não sabia se eles estavam passando bem ou não e isso me deixava mais angustiada ainda. Para meu alívio meus irmãos tiveram sintomas leves e minha mãe não pegou o vírus até hoje.

Confesso que é diferente viver uma situação e presenciar o sofrimento de pessoas que a gente ama. Eu, pessoalmente, não perdi alguém próximo para esta doença, mas eu vi o sofrimento da minha filha, que chorava por causa da febre e posso dizer que é horrível o sentimento de ver ela sofrendo com essa doença, uma bebê de três meses, é muito angustiante. Eu, como mãe, sofri muito vendo minha filha chorar a noite por causa da doença, eu queria que minha filha não tivesse passado por isso, mas graças a Deus que esse sofrimento passou e minha filha está recuperada.

Apesar de ter contaminado toda aldeia não tivemos muitas perdas, tivemos bons resultados dos tratamentos feitos em casa, com nossa própria medicina tradicional, tanto minha família quanto meu povo reagiram bem contra o coronavírus e hoje quase todos estão recuperados da doença. Na aldeia Kumenê tivemos apenas duas perdas.

Poder conta nossa história nestes relatos tem sido uma forma de compartilhar com outras pessoas nossas angústias e como estamos enfrentando a Covid-19 em nossas aldeias. E também tem sido uma forma de compartilhar a vida do nosso povo durante essa pandemia. Os relatos se tornaram um ato de manifestação para muitos que estavam inconformados com a situação que vivemos dentro das nossas aldeias, com a falta de apoio por parte do governo. Divulgar esses relatos tem promovido visibilidade às manifestações do nosso povo, compartilhamos nossa indignação contra os órgãos responsáveis pela Saúde Indígena e pela situação em que o Brasil vive hoje. Esses relatos foram muito importantes para muitas pessoas, pois eles falavam que essa seria uma mensagem para o mundo, que apesar das dificuldades nós estamos conseguindo vencer essa batalha contra a Covid-19. A mensagem que passamos através dos nossos relatos é que somos povos resistentes.

Oiapoque, Amapá, Brasil

07 de agosto de 2020

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Bonjour, je m'appelle Lenise Felício Batista, j'appartiens au peuple Palikur-Arukwayene, je suis membre du groupe PET-indigène à l'Université fédérale d'Amapá-UNIFAP et ceci est mon deuxième rapport sur les impacts de la pandémie sur ma vie, sur ma famille et sur ma communauté. Il est difficile de décrire dans ce rapport l'angoisse et la peur que j'ai ressenties lorsque Covid-19 est arrivé dans mon village, en particulier dans ma famille. Ce que j'ai ressenti en voyant les gens que j'aime souffrir de cette maladie est quelque chose d'inexplicable, je dis qu'à ce moment-là, je me sentais tellement compétente face à la souffrance que traversait ma famille, ma fille alors, si petite et si fragile.

Lorsque Covid-19 est arrivé dans les villages indigènes, j'étais dans le village de Manga, le village de mon mari, qui est Karipuna. Dès que le chef du village de Manga a été informé qu'il y avait déjà un cas de Covid-19 dans la communauté, en même temps, nous avons appris qu'il y avait des cas dans les autres villages, il y avait déjà des cas confirmés dans le village de Kumenê, mon village. Quand j'ai appris que le virus était arrivé là-bas, dans notre village, ma préoccupation, à ce moment-là, était avec ma mère qui est diabétique et fait partie du groupe à risque. Comme j'étais loin de ma famille, je n'avais aucun moyen d'entendre les nouvelles, je ne savais pas s'ils allaient bien ou pas et cela me rendait encore plus angoissée. À mon grand soulagement, mes frères avaient des symptômes bénins et ma mère n'a pas attrapé le virus jusqu'à aujourd'hui.

J'avoue que c'est différent de vivre une situation et d'être témoin de la souffrance des personnes que l'on aime. Personnellement, je n'ai pas perdu une personne proche dans cette maladie, mais j'ai vu la souffrance de ma fille, qui pleurait à cause de la fièvre et je peux dire que la sensation de la voir souffrir de cette maladie, un bébé de trois mois, est horrible, très pénible. En tant que mère, j'ai beaucoup souffert de voir ma fille pleurer la nuit à cause de la maladie, j'aurais aimé que ma fille n'ait pas vécu cela, mais Dieu merci, cette souffrance est passée et ma fille est guérie.

Malgré tout le village a été contaminé, nous n'avons pas eu beaucoup de pertes, nous avons eu de bons résultats des traitements effectués à la maison, avec notre propre médecine traditionnelle, ma famille et mon peuple ont bien réagi contre le coronavirus et aujourd'hui presque tout le monde est guéri de la maladie. Dans le village de Kumenê, nous n'avons eu que deux pertes.

Pouvoir raconter notre histoire dans ces rapports a été un moyen de partager nos angoisses et la façon dont nous faisons face à Covid-19 dans nos villages. Cela a également été une façon de partager la vie de notre peuple pendant cette pandémie. Les rapports sont devenus un acte de manifestation pour beaucoup de gens qui étaient mécontents de la situation dans nos villages, du manque de soutien du gouvernement. La diffusion de ces rapports a favorisé la visibilité des manifestations de notre peuple, nous partageons notre indignation contre les organes responsables de la santé indigène et la situation dans laquelle vit le Brésil aujourd'hui. Ces rapports étaient très importants pour de nombreuses personnes, car ils disaient que ce serait un message pour le monde, que malgré les difficultés, nous parvenons à gagner cette bataille contre Covid-19. Le message que nous transmettons à travers nos comptes est que nous sommes des personnes résistantes.

Oiapoque, Amapá, Brésil

7 août 2020

Traduit par Darleine Esther Joseph

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Hello, my name is Lenise Felício Batista, I am from the Palikur-Arukwayene people, I am a member of the PET- Indigenous group of the Federal University of Amapá-UNIFAP and this is my second report on the impacts of the pandemic on my life, my family and my community. It is difficult to describe in this story the anguish and fear I felt when Covid-19 arrived in my village, especially in my family. What I felt when I saw the people I love suffering from this disease is something unexplainable, I can only say that at that moment I felt so incompetent in the front of the pain my family was going through, my daughter then so small and fragile.

When Covid-19 arrived in the indigenous villages I was in Manga village, my husband's village, which is Karipuna. As soon as the chief of the Manga village was told that there was already a case of Covid-19 in the community, at the same time we heard that there were already cases in the other villages, there were already confirmed cases in Kumenê village, my village. When I heard that the virus had arrived there, in our village, my concern at that moment was with my mother who is diabetic and is part of the risk group. Since I was far away from my family, I had no way of having news, I did not know whether they were doing well or not and this made me even more distressed. To my relief, my siblings had mild symptoms and my mother did not get the virus until today.

I confess that it is different to live a situation and to witness the pain of people you love. I personally have not lost someone close to me to this illness, but I have seen the pain of my daughter, who was crying because of the fever and I can say that the feeling of seeing her suffering with this illness, a three-month-old baby, is very distressing. I, as a mother, suffered a lot seeing my daughter crying at night because of the illness, I wish my daughter hadn't gone through it, but thank God that this pain has gone and my daughter is recovered.

Although the whole village was contaminated we did not have many losses, we had good results of homemade treatments, with our own traditional medicine, both my family and my people reacted well against the coronavirus and today almost all are recovered from the disease. In Kumenê village we had only two losses.

Being able to tell our story has been a way of sharing with others our anguish and how we are facing Covid-19 in our villages. And it has also been a way of sharing the life of our people during this pandemic. The reports have become an act of demonstration for many who were disappointed with the situation we are living in our villages, with the lack of support from the government. Disclosing these reports has promoted visibility to the manifestations of our people; we share our indignation against the agencies responsible for Indigenous Health and the situation in which Brazil lives today. These reports were very important to many people, because they said that this would be a message to the world, that despite the difficulties we are succeeding in winning this battle against Covid-19. The message that we pass through our stories is we are resistant peoples.

Oiapoque, Amapá, Brazil

07 August 2020

Translated by Ruth Lydie JOSEPH

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Hola, me llamo Lenise Felício Batista, soy del pueblo Palikur-Arukwayene, soy miembro del grupo PET-Indígena de la Universidad Federal de Amapá-UNIFAP y este es mi segundo relato sobre los impactos de la pandemia en mi vida, mi familia y mi comunidad. Es difícil describir por este medio la angustia y el miedo que sentí en el momento en que Covid-19 llegó a mi pueblo, especialmente en mi familia. Lo que sentí al ver a las personas que amo sufriendo a causa de esta enfermedad es algo inexplicable, sólo digo que en ese momento me sentí tan impotente frente al sufrimiento que estaba pasando mi familia, mi hija entonces tan pequeña y frágil.

Cuando Covid-19 llegó a las aldeas indígenas yo estaba en la Aldea Manga, el pueblo de mi esposo, que es Karipuna. Tan pronto como el jefe de la aldea fue informado de que ya había un caso de Covid-19 en la comunidad, al mismo tiempo, nos enteramos de que ya tenían casos en las otras aldeas, ya había casos confirmados en la aldea Kumenê, mi pueblo. Cuando escuché el virus había llegado allí, mi preocupación en ese momento era con mi madre que es diabética y forma parte del grupo de riesgo. Mientras estaba lejos de mi familia, no había manera de saber de ellos, no sabía si estaban bien o no, lo que me dejó más angustiada. Para mi alivio mis hermanos tenían síntomas leves y mi madre no contrajo el virus hasta hoy.

Confieso que es diferente vivir una situación y presenciar el sufrimiento de las personas que amamos. Personalmente no he perdido a alguien cercano, pero vi el sufrimiento de mi hija, que estaba llorando por la fiebre y puedo decir que es horrible la sensación de verla sufriendo, un bebé de tres meses es muy angustiante. Yo, como madre, sufrí mucho viendo a mi hija llorar por la noche debido a la enfermedad, desearía que mi hija no hubiera pasado por ella, pero gracias a Dios que este sufrimiento ha pasado y mi hija está recuperada.

Aunque la aldea ha sido contaminada, no hemos tenido muchas pérdidas, hemos tenido buenos resultados de los tratamientos caseros, con nuestra propia medicina tradicional, tanto mi familia como mi gente han reaccionado bien contra el coronavirus y hoy casi todos están recuperados de la enfermedad. En la aldea de Kumenê sólo tenemos dos pérdidas.

Ser capaces de contar nuestra historia en estos relatos ha sido una manera de compartir con los demás nuestras ansiedades y cómo nos enfrentamos a Covid-19 en nuestras aldeas. Y también ha sido una manera de compartir la vida de nuestra gente durante esta pandemia. Los relatos se convirtieron en un acto de manifestación para muchos que estaban insatisfechos con la situación en la que vivimos, con la falta de apoyo del gobierno. La difusión de estos ha promovido la visibilidad de las manifestaciones de nuestro pueblo, compartimos nuestra indignación contra los organismos responsables de la Salud Indígena y la situación en la que vive Brasil hoy en día. Estos relatos eran muy importantes para muchas personas, porque decían que este sería un mensaje para el mundo, que a pesar de las dificultades que estamos logrando para ganar esta batalla contra Covid-19. El mensaje que pasamos a través de nuestros informes es que somos pueblos resilientes.

Oiapoque, Amapá, Brasil, 07 de agosto de 2020

Traducido por Carlos Armandeo Reyes Flores

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

